

# *Nove partes do coração*



*Nove partes do coração*  
Janice Pariat

*tradução*  
Camila Araujo





*Para aquele que pernoitou*



*É fácil amar.*

— Anaïs Nin





II  
A SANTA

27  
O AÇOUGUEIRO

45  
O CUIDADOR

61  
A AGENTE FUNERÁRIA

77  
O PROFESSOR

93  
O AÇOUGUEIRO

105  
O FLORISTA

121  
O CRUZADO

137  
O GUARDIÃO DO FAROL

155  
O NAVEGANTE

171  
AGRADECIMENTOS



## A SANTA

Você tem doze anos e você me detesta.

Na minha aula, você se recusa a pintar, porque você acha que seus desenhos são feios. E eu tento te dizer, como é o dever de todo bom professor, independente de eu acreditar ou não, que você melhorará com a prática. Você discorda. Te tira do sério que exista algo que você não consiga fazer de imediato, como uma soma matemática ou um experimento científico. Isso é arte, te digo, mas posso ver que você é uma artista científica. Se é que existe tal coisa.

As outras crianças se amontoam ao redor das mesas, pintando e desenhando com um abandono selvagem. Algumas são realmente talentosas. Você não é uma delas. As mãos delas se movem de forma instintiva pela tela e pelo papel, guiadas por algum espírito invisível. Embora eu sinta com pesar que esse será o único momento de suas vidas em que elas “farão” arte. E que elas irão crescer e mergulhar em vocações que não clamam pelo belo.

Quase um ano atrás, no meu primeiro dia, nessa pequena escola, nessa pequena cidade no leste do país, eu pedi que a turma pintasse uma árvore.

“Que tipo de árvore?”, você perguntou.

“Qualquer tipo”, respondi.

“Mas existem tantos tipos de árvores...”

“Fico feliz com qualquer um.”

Aquilo não te satisfaz. E enquanto sentava lá indecisa enquanto os outros já pincelavam, eu percebia que, quando você eventualmente tentou, se sentiu envergonhada, até um pouco humilhada, por sua árvore parecer com um picolé verde em um palito. Cometi o erro de ir até sua mesa e elogiar a garota à sua direita.

“Veja... como ela permitiu que um pouco do céu passasse pelos galhos... É dessa forma, não é? Uma árvore é desigual. Há espaços entre as folhas...”

Você me olhou com algo parecido com ódio.

É um olhar com o qual eu me acostumei naqueles primeiros meses. Tudo o que eu dizia, fosse para você ou para qualquer outro aluno, parecia incitante. Você nunca cometeu nenhum delito explícito, nada que me permitisse te tirar de sala e te mandar marchando até o diretor, o que talvez tivesse facilitado tudo. Ao invés disso, era uma insubordinação furtiva. Você fazia o mínimo do trabalho requerido. Passando a maior parte do tempo da aula observando de forma apática, pedindo permissão para usar o banheiro e só retornando pouco antes do sinal. Não se importava em participar ou responder perguntas, e qualquer coisa que eu perguntasse diretamente era respondida com um mal-humorado “eu não sei”.

Assim nós levamos o ano.

E mesmo hoje, ainda recebo o mesmo olhar de desgosto. Estamos pintando uma paisagem com neve na aula, e eu olho para a pintura que você fez e digo rispidamente, “Alguma vez já viu branco puro na natureza?”.

Você franze o cenho. “O que você quer dizer?”

“Quero dizer... que a neve não é branca *branca*, é? Existem tons de azul, e cinza, e rosa, e amarelo e até roxo... o branco não apareceria se fosse somente branco.”

E então eu cometo o maior erro de todos. Retoco sua pintura. Mergulho o pincel em um pouco de azul, preto e água, e espalho pela sua paisagem.

Um toque aqui, uma pincelada ali. Melhorei a pintura, mas perdi você.

De agora em diante, você se recusa a pegar um pincel. Mesmo sob ameaça de punição e reprovação.

Você é a criança mais teimosa que conheço, e me faz sentir saudades da época da punição física.

Mais tarde, quando peço que a turma entregue seus trabalhos para nota, você entrega uma folha em branco.

“O que é isso?”, pergunto irritada.

“Pássaros brancos voando por entre nuvens brancas.”

Eu te dou um F. E então mudo para um C. Ao invés de mostrar que falhou, sinto que eu que falhei com você.

Passamos para outras coisas, mas você é espetacularmente sem talento em cada uma. Seus desenhos de natureza morta são fracos, os com carvão são bagunçados. Não posso permitir que você toque nos óleos, porque eles são caros e eu fui instruída a guardá-los para os “melhores” alunos da turma. Você fica confusa com as acrílicas, usando-as como aquarelas, mas elas secam muito rápido e deixam pedaços de cor duros nos locais errados.

Talvez mais tarde, quando eu já tiver ensinado por anos, saberei lidar com alunos como você. Por enquanto, não faço ideia.

Sinto que tentei de tudo: ameaça, coerção, indiferença, paciência. Conversei com seus outros professores e eles também não conseguem entender. Você é quieta e vai bem em todas as aulas. Um pouco desdenhosa em química, gosta de literatura,

biologia e história, e você é intuitivamente talentosa em matemática. Mas não estou surpresa quanto a isso.

Realmente sinto que perdi você, até que um dia pergunto se gostaria de brincar com papel.

“E fazer o quê?”, você parece desdenhar disso também.

“Bom, podemos fazer formas para começar...”

Você não parece nem um pouco impressionada.

“Já ouviu falar em origami?”

Desconfiada, nega com a cabeça.

Quanto você deve odiar admitir não saber alguma coisa. Estou quase satisfeita.

Eu te entrego folhas de papel e um manual de instruções para iniciantes. Tenho um pressentimento de que você iria preferir isso a instruções minhas. Você examina as páginas, escolhe o modelo, perdida em concentração. É notável. Você é incrível nisso. Das pontas dos teus dedos surgem cantos e caixas, sapos e borboletas, caranguejos e flores. Elegantes e complexas, as linhas prensadas e dobradas com diligente cuidado e precisão. São exercícios em exatidão. Cada uma do mesmo tamanho e forma da outra. Você se senta no canto da sala, pacientemente marcando, dobrando e alinhando todas as dobraduras quando termina. Quero dizer que são lindas, mas me preocupo que isso vai te dissuadir, então observo e não ofereço elogios.

Depois disso, há um mar de mudanças.

Você é a primeira a entrar na sala e a última a sair.

Seus olhos me seguem enquanto me movo de um grupo de alunos para outro e quando alguém vai até a minha mesa para pedir ajuda. Você permanece no final, me mostrando tudo o

que fez naquele dia, ansiosa, se não me engano, pela minha aprovação.

No começo, não sei bem como responder. Pareço satisfeita? Te ignoro de volta agora? Acho que, na minha indecisão, faço um pouco dos dois, mas isso não te detém. Pelo contrário, parece te deixar ainda mais determinada. Você me para pelos corredores, e na biblioteca, às vezes pelo gramado, e começa as mais doces e mundanas conversas. Falamos sobre o tempo, e o almoço, e se eu gosto de gatos ou cachorros.

“Cachorros”, digo.

“Gatos”, você diz.

E tudo que eu respondo é seguido de um “por quê”?

Por que eu prefiro ervilhas a batatas? Por que eu gostaria de ter uma bicicleta em vez de um carro? Por que cachorros? Por que eu sou vegetariana? Por que eu gosto de chocolate amargo? Por que eu leio poesia? Quando direciono as perguntas a você, te acho agradavelmente impulsiva. Você não demora. Gosta de beterraba por causa de sua cor. Gatos, por seus olhos. Chocolate branco, porque não é bem chocolate. Poesia te confunde. Você responde do seu âmago. Tudo, nessa idade, é instinto.

Você me mostra testes e redações, trabalhos nos quais recebeu méritos. Te elogio como acho que uma mãe faria. Não é chegada a esportes, me conta. Mesmo que seja obrigada a correr e jogar e participar. Gosta de música, mas não tem aptidão para tocar um instrumento. “Gosto de cantar”, me diz tímida.

“Canta alguma coisa pra mim.”

“Assim do nada?”

“Assim do nada.”

Nós estamos do lado de fora, andando por um caminho nos terrenos da escola.

“O que você gostaria que eu cantasse?”

“Qualquer coisa.”

Leva um momento para escolher e começa a cantar. Tão suavemente que tenho que me inclinar para ouvir. É uma música antiga dos anos 70. Me pergunto como a conhece. Talvez seus pais a ponham para tocar em casa, e você cresceu ouvindo-a. É uma canção sobre um homem fazendo uma ligação para alguém que ele amou e que o deixou. É doce e boba, e incongruente, vindo de você, mas você canta até o final e eu aplaudo.

Uma vez você me dá uma flor, uma pesada magnólia. Caiu no chão durante a chuva e agora está em minha mão, umidamente brilhante. De um rosa cremoso, com uma cor mais intensa no centro, mais pálida nas bordas das pétalas cerosas. Coloco-a numa garrafa cheia de água e a levo comigo para casa no fim do dia. Fico emocionada pela sua atenção, e desconcertada. É intensa, como caminhar sob o sol do meio-dia. Nunca estive em posição de receber algo assim. E então digo a mim mesma que você é uma criança, que não sabe muito. Teus sentimentos vão nessa e naquela direção, passando de coisa a coisa, pessoa a pessoa. Logo cansará disso tudo e outra pessoa vai te fascinar. Mas sua afeição não parece diminuir em momento algum.

Penso que talvez seja melhor te afastar aos poucos, ficar um pouco distante, menos acessível. Afinal de contas, não queremos que faça algo negligente. Então sou educada, mas mais reservada. Me escondo em salas se você vem vindo pelo corredor. Digo que estou ocupada quando me encontra na biblioteca. Saio da escola com meus outros colegas. Sento-me na grama com um livro, apreensiva. Você parece confusa, embora nada afetada. Mas o quanto mais clama pela minha atenção, menos te dou. É uma dança terrível e me sinto mal, mas não sei mais o que fazer.



Em alguns dias, encontro dobraduras de papel na minha mesa, às vezes uma libélula.

No começo, eu as colecionava, colocando-as em uma prateleira como um zoológico estático e desordenado. Agora tento te dizer que deveria levá-las para casa, para seus pais, para os surpreendê-los e agradá-los, mas você me olha em silêncio. Quando insisto, eventualmente você me diz que não pode e se afasta.

Isso me incomoda, mas não é algo que eu possa te perguntar diretamente. Pelo menos não agora. Não construímos esse tipo de confiança. Me pergunto se algum dia a teremos. Então eu falo com os outros professores, os que te ensinam há mais tempo, e pergunto se eles sabem mais sobre você e sua vida em casa. Há várias conjecturas. Alguém pergunta se você não é órfã. Ou filha de um pai só. Não, dizem outros, eles não acham que seja isso, mas existe algo fora do comum nas circunstâncias do seu lar. O seu professor de matemática se manifesta, e se ele não está enganado, não é que você perdeu seus pais, mas que eles vivem em outro local; seu lar, pelo menos durante o ano letivo, é com seus avós. Não que tenha sido abandonada, ele emenda apressado, mas seu pai trabalha em outro estado com poucas, sequer alguma, escolas renomadas. Meu coração se compadece por você e seus amigos de papel.

Dali em diante, sou mais gentil.

Você não é de todo ruim em escultura com argila, mas sou mais encorajadora do que deveria.

“Essa vaca está ótima”, digo.

Você me olha duvidosa. “É pra ser um cavalo.”

Apressadamente, dou um discurso de como a arte está nos olhos de quem vê.

“Então não importa o que estou tentando fazer?”, outro aluno pergunta.

“Importa. Mas você não pode controlar como os outros escolhem ver.”

Você fica depois da aula, esperando até os outros saírem. Me pergunto o porquê. Não acho que você está prestes a me questionar sobre a subjetividade da interpretação. Você vem até minha mesa, papéis e livros em mãos. Seu cabelo, quase sempre dividido em tranças, se soltou, seu laço pendurado sobre o braço. Você tem doze anos, mas seus membros parecem em desacordo com a sua idade, como se fossem se ajustar apenas daqui uma década. Será alta e linda, tenho certeza, mesmo que agora seja desajeitada, estranha e indisciplinada. Olha para mim, seus olhos escuros como tinta.

“Você sempre quis fazer isso?”

Pergunto o que você quer dizer.

“Isso”, você aponta a sala.

Me recosto na minha cadeira. Ninguém me perguntou isso antes. Pelo menos não aqui. Poderia te dizer várias coisas. Que, óbvio, era um sonho trabalhar com crianças, ensiná-las sobre o belo e como fazer coisas belas. Mas decido dizer a verdade.

“Não.”

Você não parece surpresa.

Olho para as minhas mãos, estendendo-as em minha frente.

“Eu queria ser pianista.”

“Você frequentou uma escola de música?”

Aceno que sim com a cabeça. Frequentei, por muitos anos. Até comecei a me apresentar em recitais aqui e ali. Sem muitas oportunidades nessa cidade pequena em que moramos, então eu também dava aulas nas casas das pessoas, tentando economizar para me mudar para a cidade grande.

“E o que aconteceu?”. Ou em outras palavras, vá logo ao ponto, por que eu estou aqui.

“Sofri um acidente... machuquei minhas mãos.”

Com o pragmatismo frio de uma criança, você me olha e diz, “Mas você ainda pinta”.

Te digo que é tudo o que eu consigo fazer.

“Ah” você diz e sai. Talvez não houvesse razão para eu ter sido honesta. Você é uma criança. Com um entendimento limitado. O que eu esperava? Compaixão? Preocupação?

Fico na sala sozinha me sentindo, por algum motivo, resolutamente tola.

Você falta na aula seguinte. E na próxima.

E mesmo que eu tente fingir indiferença, estou preocupada. O que aconteceu, pergunto aos outros. O que aconteceu com você? Uma bronquite, aparentemente. Acompanhada de tosse e febre alta. Fico em um impasse, querendo te desejar melhoras, mas querendo manter distância. Sei que seus colegas fizeram cartões para você, mas não assino nenhum deles. Não faço perguntas. Em dez dias você retorna, pálida, abatida e ainda tossindo. Perdeu peso. Faço uma pequena flor de argila para você, pinto de vermelho e deixo no seu lugar. Faço isso com todos os meus alunos que estiveram doentes. Você me agradece ao final da aula e não se demora como de costume. Isso me deixa, desconfortavelmente, me perguntando o porquê.

Te acho mais quieta que o normal.

Você parou de fazer os animais de papel e as estátuas de argila e, em vez disso, está pintando papel atrás de papel com o mesmo azul profundo. E então laranja. E então verde. Brinco que você é abstracionista, mas você não ri.

Um dia, te encontro no corredor e pergunto como você está. Você não olha para mim quando diz que está bem.

“Ouvi que não está se sentindo bem...”

“Melhor agora, obrigada.”

“Há algum problema?”, não consigo evitar a pergunta.

Você balança a cabeça, seus olhos ainda fixos no chão.

Quero dizer que pode me contar, que tem com quem conversar. Que eu sei que vive em uma casa com duas pessoas velhas, que deve se sentir só. Mas não. Te dou um tapinha de leve no ombro e você segue seu rumo.

É estranho, mas sinto falta de você permanecendo depois do fim da aula, conversando com seu jeito direto e questionador. Sinto falta da sua cantoria, suas flores, suas perguntas intermináveis, sua atenção a tudo que eu digo, até mesmo a mais simples e mundana instrução. Espero que tudo retorne até o final do semestre. Principalmente quando faço o anúncio de que teremos uma exibição de tudo o que fizemos durante o ano. A maioria dos alunos está excitada, cochichando uns com os outros, debatendo quais trabalhos gostariam de expor. Alguns têm de escolher entre muitos. Você, no entanto, parece nem ter me escutado.

Permito que algumas aulas se passem antes de te perguntar. Naquela tarde, você se demorou, sem intenção, porque uma coleção de papéis que você pintou caiu se espalhando pelo chão.

“Pensou sobre o assunto...?”

Você me encara. Assustada.

“O que gostaria de expor... na exibição de fim de ano...”

Você permanece imóvel. É desconcertante.

“Sim...”

“Ah, bom. E...?”

“Ainda estou pensando... não sei...”

Começo a fazer algumas sugestões e então paro. O que estou fazendo? Este é sem dúvidas a melhor forma de fazer você *não* participar. “Bom... me avise se precisar de ajuda...”

Você acena com a cabeça e sai da sala.

Um dia, quando já me desfiz de toda a esperança de você voltar a ser como era antes, você permanece depois do fim da aula. Estou na minha mesa, examinando algumas pinturas para a exibição.

“O que aconteceu?”

Te olho confusa.

Você se aproxima, abraçando seu livro contra o peito. Nunca recuperou seu peso depois de ter ficado doente, suas bochechas permanecem pálidas e fundas.

“O que quer dizer?”

Você aponta para as pinturas.

“Estou tentando escolher molduras...”, começo.

“Não”, interrompe. “Digo com as suas mãos. O que aconteceu?”

Acho que entendo, mas não quero responder. Você insiste.

“Você me disse que sofreu um acidente... e não conseguia mais tocar piano...”

“Ainda consigo tocar”, digo, e acrescento, “Mas só um pouco”.

Você permanece em silêncio, esperando que eu explique.

Coloco as pinturas de lado. “Consegui um emprego em um coral... um grupo maravilhoso de crianças... vozes de anjos e tudo o mais. Não era...” rio. “Tocávamos mais hinos, mas pagava bem e ajudava a complementar minhas aulas de música...”

Você não tira os olhos de mim. Não sei para onde olhar, para você, para minhas mãos. Me decido pela janela, por onde o sol do fim da tarde está entrando e criando formas no chão.

“Estávamos viajando... para uma apresentação em uma cidade vizinha. Todos nós em um ônibus... estava chovendo... eu devo ter cochilado..., mas me lembro de acordar com o solavanco... uma batida terrível... o ônibus se amassando como uma lata... e o assento a nossa frente de repente nos imprensando. Se eu não tivesse colocado... colocado meus braços entre o garoto do meu lado e o metal, acho que ele teria sido esmagado.”

“Você salvou a vida dele?”

“Aí que está... gosto de pensar que sim..., mas não sei.”

“Seus ossos quebraram?”

Aceno que sim. Grata, de certa forma, pela sua resignada falta de emoção. Nesse momento, a maioria dos adultos estaria expressando sua mais copiosa compaixão, e eu nunca saberia o que dizer aos seus “Sinto muito... sinto muito mesmo... isso é terrível... que tragédia...”. Eu geralmente acabaria dizendo um “obrigada” desajeitado e me resignando ao silêncio.

“Quebrados em várias partes...”, digo levantando meu braço esquerdo. “Tem uma haste de aço passando por esse aqui.”

“Você apita quando passa pela segurança do aeroporto?”

Eu rio, você ri, e de repente a sala se enche de luz.

“Dói?”

“Às vezes.”

E então me pergunta algo que ninguém nunca perguntou antes.

“Se você estivesse naquele ônibus, faria tudo de novo? O que fez.”

Demoro um momento para responder. “Gostaria de dizer que sim..., mas na verdade, não tenho certeza.”

Você não parece desapontada. Na verdade, concorda rapidamente, como se essa fosse uma conversa de negócios. Em contrapartida, quero te fazer várias perguntas, sobre você, sua casa. Mas esse momento se parece com finalmente ter um pássaro sentado em minhas mãos comendo migalhas. Agora não é o momento de fazer movimentos bruscos ou barulhos altos e te assustar.

Enquanto caminha para fora da sala, você se vira. “Quer saber”, diz, “acho que você faria.”

Logo é o fim do semestre e nós estamos organizando o salão de exposições. Você não submeteu nenhum trabalho. Estou desapontada, sim, mas não muito surpresa. Não posso sequer usar a frase que uso com as outras crianças – “Você não gostaria que seus pais vissem seu trabalho e ficassem orgulhosos de você?”. Não tenho certeza de que os seus vão vir. E não quero arriscar dizer “avós”. Não sei por que, mas sinto que é uma situação delicada. Ou pelo menos a trato como se fosse.

Enquanto os trabalhos estão sendo pendurados, você fica por perto.

Como acho que você está esperando, não pergunto onde está sua contribuição. Pergunto o que acha.

“Sobre?”

“Tudo isso...”, gesticulo o local, que se enche de pinturas, desenhos, esculturas.

“Quero ver como vai ficar depois de acabado.”

E é difícil arrancar qualquer outra palavra de você. Mas vejo que observa cuidadosamente onde cada coisa está sendo colocada.

No momento, não tenho tempo para perguntar por que ou imaginar. Este é meu primeiro evento, precisa ser impressionante e deve, de alguma forma, validar... alguma coisa.

Vou embora tarde naquele dia, depois que todos os trabalhos das crianças foram dispostos. Acho que está adorável. Que pena você não fazer parte. Estou tentada a colocar algumas das dobraduras que você me deu em um canto, mas desisto. Esta escolha é sua e devo respeitá-la. Você não se sentiu envolvida o bastante nessa turma para participar.

No dia seguinte, chego cedo à escola e vou para o salão de exposições. Mas alguém esteve lá mais cedo. Ou pelo menos é o que o segurança me diz. “Uma de suas alunas”, ele diz. “Ela disse que tinha sua permissão... permissão especial... para colocar uma coisa no salão. Ela segurava várias coisas...”

“O que você quer dizer?” Um pânico se instala em meu peito. “Qual aluna? O que ela estava carregando?”

Ele dá de ombros. Claramente sem compreender por que eu estaria preocupada. “Tesoura... papel... essas coisas de arte...”

“Eu não dei permissão para ninguém fazer coisa alguma.”

Finalmente ele parece um pouco preocupado. “Não?”

Balanço a cabeça.

Ele se atrapalha com a porta, destrancando e abrindo. Andamos rapidamente pelo corredor.

Na minha cabeça imagino tudo arruinado. Pinturas arrancadas de suas molduras, rasgadas e picotadas em retalhos. Lonas amassadas, esculturas espalhadas pelo chão, todas em pedaços. Mal posso esconder minha raiva. Quem poderia ter feito isso? E por quê? Por um instante penso em você, e me forço a descartar a ideia. Não tenho provas. E por que eu pensaria primeiro em você? Talvez pela sua antipatia, suas mudanças de humor, seu desinteresse. Mas você não é assim o tempo



todo. Nunca me pareceu vingativa. Ainda assim, quem sabe? Crianças podem ser criaturas estranhas. Tento tirar isso da cabeça antes de entrar no salão. O guarda e eu estamos em silêncio.

Entro, e tudo está no lugar, da forma como deixamos na tarde anterior. Nada parece ter sido tocado, quebrado ou movido.

“Tudo ok?”, o guarda pergunta.

Confirmo que sim.

“Bom, que alívio.”

E então eu vejo. O motivo pelo qual você veio aqui mais cedo.

Na porta que dá para o lado de fora, do outro lado do salão, uma cortina branca.

Não consigo distinguir o que é, tecido ou fita, até que me aproximo.

Garças de origami. Cordões e mais cordões. Movo-os com cuidado e eles farfalham contra minha mão. Branco puro. Elegantes e uniformes. Feitos com um cuidado meticuloso.

Há mil delas, tenho certeza mesmo sem contar.

Dizem que dobrar mil garças de papel te concede um desejo.

Me pergunto o que você desejou.

Espero de todo coração que se realize.

